

ENTREVISTA: João Furtado, da USP, defende a criação de uma "Super-Embrapa" para enfrentar o desafio c



GOIÁS



Sistema
FIEG

Ano 38

nº 217

Maio/Junho

2007

INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás



Desatando o nó da concentração

O crescimento acelerado da indústria em Goiás acontece ao mesmo tempo em que melhora a distribuição da renda e cai o total de pessoas abaixo da linha de pobreza

Fábrica de Alcool

SISTEMA FIEG**Federação das Indústrias do Estado de Goiás**

Presidente: Paulo Afonso Ferreira
 Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco,
 Casa da Indústria - Vila Nova
 CEP 74645-070 - Goiânia-GO
 Fone (62) 3219-1300 / Fax (62) 3229-2975
 Home page: www.sistemafieg.org.br
 E-mail: fieg@sistemafieg.org.br

Núcleo Regional da FIEG em Anápolis

Presidente: Waldyr O'Dwyer
 Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A,
 Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
 Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
 E-mail: nureaps@sistemafieg.org.br

SESI**Serviço Social da Indústria**

Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira
 Superintendente: Paulo Vargas
 E-mail: adm.sesi@sistemafieg.org.br

IEL**Instituto Euvaldo Lodi**

Diretor Regional: Daniel Viana
 Superintendente: Paulo Galeno Paranhos
 Home page: www.ielgo.com.br
 E-mail: iel@sistemafieg.org.br

SENAI**Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**

Diretor Regional: Paulo Vargas
 Home page: www.senaigo.com.br
 E-mail: senaigo@senaigo.com.br

ICQ BRASIL**Instituto de Certificação Qualidade Brasil**

Diretor Regional: Daniel Viana
 Superintendente: Paulo Galeno Paranhos
 Home page: www.icqbrasil.com.br
 E-mail: icq@icqbrasil.com.br

DIRETORIA DA FIEG**PRESIDENTE**

Paulo Afonso Ferreira

1º VICE-PRESIDENTE

Pedro Alves de Oliveira

2º VICE-PRESIDENTE

Wilson de Oliveira

3º VICE-PRESIDENTE

Ivan da Glória Teixeira

VICE-PRESIDENTES

Atuísio Quintanilha de Barros
 César Helou
 Flávio Paiva Ferrari
 Joviano Teixeira Jardim
 Marley Antônio da Rocha
 Ubiratan da Silva Lopes
 Eduardo Cunha Zuppani
 Luís Antônio Vessani
 Carlos Alberto Vieira Soares
 Fábio Rassi
 Sávio Cruvinel Câmara
 Elton Teles de Campos
 José Luiz Martin Abuli
 Aldrovando Divino de Castro Júnior
 José Magno Pato

1º SECRETÁRIO

Hélio Naves

2º SECRETÁRIO

Luiz Gonzaga de Almeida

1º TESOUREIRO

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2º TESOUREIRO

Antônio de Sousa Almeida

CONSELHO FISCAL

Daniel Viana
 Heno Jácómo Perillo
 Waldyr O'Dwyer

CONSELHO DE REPRESENTANTES JUNTO À CNI

Paulo Afonso Ferreira
 Sandro Antônio Scodro Mabel

CONSELHO DE REPRESENTANTES JUNTO À FIEG

Abílio Pereira Soares Júnior
 Aldrovando Divino de Castro Júnior
 Alvaro Otávio Dantas Maia
 Anísio Queiroz de Carvalho Jr.
 Antônio Clóvis Carneiro
 Antônio de Sousa Almeida
 Carlos Alberto Diniz
 Carlos Alberto Vieira Soares
 Carlos José de Moura Júnior
 Carlos Queiroz de Paula e Silva
 Carlos Roberto de Araújo
 Carlos Roberto Viana
 César Helou
 Sebastião Elias Barbosa
 Cyro Miranda Gifford Júnior
 Daniel Viana
 Domingos Sávio Gomes de Oliveira
 Domingos Vilefort Orzil
 Edmar Sabino Neves
 Eduardo Cunha Zuppani
 Elton de Teles Campos
 Emílio Carlos Bittar
 Euripedes Felizardo Nunes
 Fábio Rassi
 Flávio Paiva Ferrari
 Francisco de Faria
 Francisco Gonzaga Pontes
 Frederico Martins Evangelista
 Henrique Wilhem Morg de Andrade
 Hélio Naves
 Hélio Naves Júnior
 Humberto Rodrigues de Oliveira
 Jaime Canedo
 Jair Rizzi
 Jerry de Paula
 João Essado
 Joaquim Cordeiro de Lirna
 Jorcelino José Nunes Nelo

Jorge Luiz Blazuz Meister
 José Antônio Vitti
 José Divino Arruda
 José Luiz Martin Abuli
 José Magno Pato
 José Romaldo Maranhão Neto
 José Vieira Gomide Júnior
 Joviano Teixeira Jardim
 Laerte Simão
 Leonardo Jayme de Arimatéia
 Leopoldo Moreira Neto
 Luiz Antônio Vessani
 Luiz Gonzaga de Almeida
 Luiz Rézio
 Mário Drummond Diniz
 Marley Antônio Rocha
 Mário Renato Guimarães Azeredo
 Nelson Pereira dos Reis
 Onofre Andrade Pereira
 Paulo Afonso Ferreira
 Pedro Alves de Oliveira
 Rodrigo Penna de Siqueira
 Sandro Antônio Scodro Mabel
 Sávio Cruvinel Câmara
 Segundo Braçios Martinez
 Ubiratan da Silva Lopes
 Valdenício Rodrigues de Andrade
 Wellington Soares Carrijo
 Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS E INSTITUIÇÕES**Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**

Presidente: Ivan da Glória Teixeira
 Vice-Presidente: Melchiades da Cunha Neto

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Henrique W. Morg de Andrade
 Vice-Presidente: Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Conselho Temático de Infra-Estrutura

Presidente: José Rodrigues Peixoto Neto
 Vice-Presidente: Roberto Elias de Lima Fernandes

Conselho Temático de Política Econômica

Presidente: Beyle de Abreu Freitas

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Hélio Naves
 Vice-Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Humberto Rodrigues de Oliveira
 Vice-Presidente: Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente: Antônio de Sousa Almeida
 Vice-Presidente: Melchiades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócio

Presidente: Segundo Braçios Martinez
 Vice-Presidente: Igor Montenegro Celestino Otto

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Ronaldo Jair Sales
 Vice-Presidente: Alberto Borges

Conselho Temático de Jovens Industriais

Presidente: Alexandre Costa
 Vice-Presidente: Marduk Duarte

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg)

Representante Fieg: Melchiades da Cunha Neto

Rede Metrológica Goiás

Presidente: Heribaldo Egidio

Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Joelma Pinheiro

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem: Anelaida Pereira, Célia Oliveira, Geraldo Neto, Débora Maria Orsida, Henrique Fonseca, Jávier Godinho, Dorothy Menezes, Fernanda Guirra, Heloísa Lima e Naiara Gonçalves

Colaboração: Wellington da Silva Vieira

Fotografia: Sílvio Simões

Diagramação, Produção e Publicidade:

ND Editora e Publicidade Ltda.
 Rua 1034, nº 49, Setor Pedro Ludovico
 74823-190 - Goiânia-GO
 Fone: (62) 3255-6262
 E-mail: nd@ndeditora.com.br

Fotolito: Oficina de Arte

Impressão: Gráfica Keipis (Asa Editora)

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

GOIÁS
INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás



Novos rumos para a indústria

Setores tradicionais, como a produção de alimentos, e novos, incluindo medicamentos, investem em modernização e diversificação

Ainda fortemente concentrada em setores intensivos em recursos naturais, com destaque para grãos e minérios, a indústria de Goiás ensaia, em anos mais recentes, um movimento de desconcentração regional, ainda de forma tímida, e de diversificação setorial, com maior agregação de valor à produção primária, segundo diagnóstico recentemente produzido por uma equipe de economistas reunidos para formular novas diretrizes para a política industrial e tecnológica do Estado.

O vigoroso crescimento industrial experimentado pelo Estado ao longo dos últimos anos, analisa o coordenador técnico da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Wellington da Silva Vieira, vem ocorrendo de forma mais desconcentrada, beneficiando novas regiões. Essa tendência, prossegue, evita o acúmulo excessivo de pressões nos maiores centros urbanos, aliviando tensões econômicas e sociais relacionadas a um incremento desmedido de demandas naquelas áreas.

“O parque industrial goiano está consolidado, como demonstram a chegada da segunda montadora de veículos, implantada em Anápolis, e os investimentos recentemente confirmados por diversos setores, com destaque para o setor mineral, onde apenas a Anglo American aplicará US\$ 1,2 bilhão no Projeto Barro Alto”, reforça o empresário Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg.

Ele identifica no trabalho desenvolvido pelas entidades de classe, em parceria com o governo estadual, uma boa cota de responsabilidade



Daia: segunda montadora do Estado renova perspectiva de maior diversificação no setor Industrial

pela abertura das portas da economia goiana a investimentos, “atendendo às necessidades das empresas”. A concessão de incentivos, diz, entra como uma das variáveis nessa equação, compensando investidores por custos relativos mais elevados em função das distâncias em relação aos principais mercados consumidores e de deficiências no setor de infra-estrutura ainda longe de serem sanadas.

“O Sistema Fieg, por meio do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, participou desse processo desde o seu nascimento, numa atuação pró-ativa que busca antecipar soluções e facilitar trâmites burocráticos em órgãos do governo e secretarias estaduais”, resume Paulo Afonso. A formalização do Fórum das Entidades Empresariais, arremata, agregou massa crítica à política de parcerias com o setor público, numa iniciativa focada em resultados, “acima de eventuais diferenças entre as diversas entidades”.

Preparado pelo grupo de trabalho constituído no final do ano passa-

do, com participação de assessores das secretarias de Indústria e Comércio, Fazenda, Planejamento, Agricultura, Ciência e Tecnologia e Comércio Exterior, além de um representante da Procuradoria Geral do Estado (PGE), o documento Diretrizes de Política Industrial e Tecnológica traça uma análise do avanço da industrialização nas últimas décadas e desenha o perfil do setor industrial hoje. A agroindústria surge como principal ator nesta área, com destaque para os complexos de processamento de grãos, carnes, lácteos, de processamento de tomate e o sucoalcooleiro.

A aceleração do crescimento industrial em Goiás dá-se no início da década de 1990, acentuando-se de forma mais agressiva a partir do final daquele período, aponta a versão original do documento. A estrutura industrial inicialmente instalada no Estado, continua a equipe governamental, derivou, portanto, do processo de modernização conservadora da agropecuária e da grande mineração,

com “oportunidades bastante limitadas de inclusão da pequena produção rural e urbana”.

Nova etapa – A fase mais recente desse processo, que contemplou uma política de incentivos fiscais ligeiramente mais seletiva do que a empregada até 1999, com foco no estímulo à verticalização, à agregação local de valor à produção primária e à redução das disparidades regionais, permitiu um crescimento proporcionalmente mais equilibrado, com expansão de empregos em maior velocidade do que a média brasileira. Entre 1999 e 2004, dado mais recente divulgado, o Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás avançou a uma taxa média anual de 4,4% enquanto o restante do País crescia, também em média, 2,6% ao ano.

A participação do setor industrial no PIB goiano saltou de 28,7% em 1998 para 35,5% em 2004, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O documento destaca ainda o comportamento do emprego industrial naquele período, com crescimento acumulado de 74,85% (de 80,272 mil para 140,358 mil vagas entre 1998 e 2005, segundo dados da RAIS trabalhados pela área técnica da Fieg).

A mesma série histórica mostra, no entanto, uma tendência à concentração do emprego nos três setores de atividade que mais se destacaram num período mais recente. A indústria de



Anglo American: investimentos de US\$ 1,2 bilhão em Barro Alto

produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, o setor têxtil, de vestuário e artefatos de tecidos e a indústria de fabricação de produtos químicos, farmacêuticos, veterinários e de perfumaria, pela ordem, responderam por 46,3%, 13,5% e 16,6%, somando 76,4% do crescimento do emprego industrial naqueles sete anos, com destaque para o salto de 139% no segmento de produtos químicos e de 81,3% para o setor de alimentos e bebidas.

Considerados de forma desagregada, o trabalho aponta aumento de 300% no total de empregos gerados na indústria de carne, três vezes mais do que a média brasileira, além de incremento de 233% no setor de óleos vegetais (apenas 40% na média do restante do País), mais 261% na indústria de álcool (60,4% de avanço na média nacional) e 132,7% para o total de empregados na indústria de processamento de verduras e legumes (diante de 64,7% na média do País). Ainda como exemplos na mesma li-

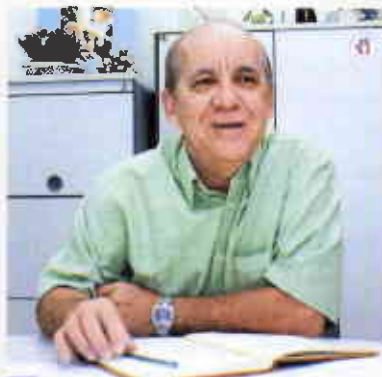
nha, verificou-se crescimento expressivo para o número de empregos nos setores farmacêutico (mais 562% entre 1998 e 2005), de cosméticos (mais 553%), embalagens de papel (279%) e plástico (160%).

Na liderança da pauta de exportações do Estado, com participação superior a 40% no total exportado por Goiás no ano passado, o que significou embarques em torno de US\$ 858,7 milhões, o complexo soja acumulou crescimento de 117% em sua capacidade instalada entre 2001 e 2006. A indústria goiana, que poderia processar 8,66 mil toneladas por dia em 2001, representando 8% da capacidade brasileira, saltou para 18,8 mil toneladas diárias do grão (13,1% do total nacional). O incremento elevou o Estado ao quarto maior parque de esmagamento de soja do País.

Renda e pobreza – Como diferencial não desprezível, lembra a equipe governamental, houve melhoria nos indicadores de pobreza e de distribui-



Igor Montenegro, do Sifaeg: mercado interno concentra 85% das vendas do setor alcooleiro



Alfredo Correa, do SindIleite: Estado importa matéria-prima para processamento



Ivan Teixeira: indústria farmacêutica investe R\$ 170 milhões em 2006 e 2007

ção da renda. Numa primeira fase, observada até o final dos anos 80, reflexo da chamada “modernização conservadora” da agricultura goiana, o índice de Gini, utilizado para medir o nível de concentração da renda, havia se aproximado de 0,61 (quanto mais próximo de um, maior a desigualdade), depois de sair de pouco mais do que 0,56 em 1981. Entre 1995 e 2005, o índice tem se mantido abaixo de 0,56.

O percentual de pessoas com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 75,50 também baixou de 42% da população total no Estado para 21% entre 1981 e 2005, depois de atingir 30% em 1995. Para a média do restante do País, o total de pobres experimentou recuo muito mais brando, passando de 41% da população total, índice um ponto abaixo da taxa observada em Goiás em 1981, para 31% em 2005 – ou seja, dez pontos percentuais acima do índice coletado no Estado.

Cenário nacional – Outras estatísticas parecem reforçar os argumentos do governo, embora ainda sinalizem para uma concentração aparentemente não desejada da atividade industrial em Goiás. A Pesquisa Industrial Anual (PIA), realizada anualmente pelo IBGE, indica que a participação goiana no cenário brasileiro tem avançado, confirmando taxas de crescimento na média superiores àquelas verificadas para a indústria em todo o País.

Num horizonte mais longo do que aquele considerado pelo grupo de trabalho criado pelo governo estadual para rever a política de incentivos fiscais, a PIA mostra, por exemplo, que o total de empregos no setor industrial cresceu em ritmo mais modesto do que os demais indicadores, ainda que a posição do Estado tenha sido reforçada. Na comparação entre 2005, dado mais recente liberado pelo IBGE, e 1996, o total de estabelecimentos industriais aumentou 72,86% em Goiás (de 2.621 para 4.513), diante de um avanço de



Wellington Vieira: crescimento desconcentrado reduz pressão sobre centros urbanos

33,5% em todo o País. Por conta desse desempenho, em 2005, Goiás passou a contar com 2,74% de todas as indústrias do País, diante de 2,12% em 1996 e 2,5% em 1999.

A receita líquida de vendas aumentou quase seis vezes no Estado, pulando de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões, em valores nomi-

nais. Na ponta do lápis, uma variação acumulada de quase 479% em nove anos, enquanto as vendas da indústria no restante do País cresciam “apenas” 246%. A fatia da indústria goiana na receita líquida de todo o setor avançou de 1,23% em 1996 para 1,72% em 1999 até atingir 2,05% há dois anos. Com a chegada de novas indústrias, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American (Projeto Barro Alto), e a expansão de outras, a exemplo da Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais, essa participação deverá indicar novos incrementos nas pesquisas seguintes.

O valor da transformação industrial (VTI) cresceu igualmente em ritmo mais acelerado do que o restante do País, acumulando variação de 372,5% em Goiás (perante a 218,5% na indústria brasileira como um todo). Isso fez com que a participação da indústria goiana no VTI de todo o setor no País pulasse de 1,12% para 1,66% entre 1996 e 2005.



GRUPO – GR

**GUIMARÃES RABELO COM. E IND. EM CONCRETOS LTDA.
GUIMARÃES RABELO IND. E COMERCIAL**

Engenharia Civil e Mecânica

- Construção de pontes, pavimentação asfáltica;
- Bases industriais (moenda e decantadores, entre outros);
- Edificação Industrial em pré-moldado – galpões;
- Pisos industriais (para carga), biodigestor, rede de água e esgoto;
- Supervisão de obra, montagem mecânica e projetos.

“Excelência e Solução na Prestação de Serviços em Instalação Industrial”

